

O Trabalho e a Formação do Ser Social: a aparência da autonomia

Michelle Guerra Vale (Universidade Estadual do Ceará)

E-mail: mguerravale@gmail.com

Ruth Maria de Paula Gonçalves (Universidade Estadual do Ceará)

E-mail: ruthm@secrel.com.br

Antonio Dário Lopes Júnior (Universidade Estadual do Ceará)

E-mail: juninho-slh@hotmail.com

RESUMO

Nosso estudo objetiva discutir a relação trabalho e formação do ser social na perspectiva teórica de Leontiev, análise ancorada na filosofia marxista. Assinalamos então que o trabalho é a única fonte de valor e riqueza produzida pelo homem. Todavia mais do que isso, o trabalho é a categoria que funda o ser social, sendo essa atividade o que possibilitou a processualidade humana, conforme atesta Engels. A partir do trabalho, na relação entre subjetividade e objetividade, permeada pela consciência, o homem tornou-se diferente dos outros animais, pois ao transformar a natureza a fim de satisfazer suas necessidades, o homem também se modifica, adquirindo com essa atividade conhecimentos e habilidades os quais constituem um continuum de novas necessidades e novas possibilidades. A fim de alcançarmos nossos objetivos empreendemos uma pesquisa de natureza teórico-bibliográfica no intuito de evidenciar as implicações que esse pressuposto acarreta para a concepção da essência humana histórico-social. Utilizamos para efeito desse artigo, escritos de Lukács sobre as bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem, fortalecendo nossa análise com os estudos de Marx e Engels sobre o papel do trabalho na gênese onto-histórica do homem. A contribuição de Leontiev sobre o desenvolvimento do psiquismo integra a base teórica que fundamenta o lócus de nosso objeto. Inicialmente discutimos o papel do trabalho na processualidade humana, distinta dos demais seres; em seguida nos voltamos para a concepção de homem e sociedade na perspectiva de Leontiev, e por fim, buscamos evidenciar as implicações da apropriação ou da negação do patrimônio material-cultural historicamente produzido pelo conjunto da humanidade para a consecução do gênero humano. O conjunto de nossa leitura e análise somada a concretude da realidade objetiva nos mostram que no momento histórico atual, apesar da sociedade global e genericamente viver um progresso científico-cultural sem precedentes, o usufruto dos bens produzidos pela maioria da população beneficiam apenas a uma minoria. O modo de produção capitalista não permite que todas as pessoas tenham acesso aos bens produzidos pela humanidade, não permitindo à maioria da população a passagem do reino da necessidade para o reino da liberdade. Verifica-se que muitos trabalhadores somente ganham o suficiente para satisfazerem suas necessidades de subsistência, enriquecendo, em contrapartida, sempre mais, os donos dos meios de produção. Na

sociabilidade capitalista, o trabalho longe de potencializar a atividade humana em sua totalidade, fragmenta o ser social em nome da reprodução do capital.

Palavras-chave: trabalho, ser social, apropriação cultural-material.

INTRODUÇÃO

O presente estudo tem por função discutir a relação trabalho e formação do ser social na perspectiva teórica de Leontiev, análise ancorada na filosofia marxista. Para tanto, buscamos demonstrar a relevância da categoria trabalho na gênese das funções psicológicas superiores, tomando como aporte teórico estudos desenvolvidos por Marx e Engels, uma vez que tais autores caracterizam o trabalho como sendo a protoforma da atividade humana. Com efeito, a partir do trabalho o ser humano torna-se capaz de desenvolver as suas formas de pensar, sentir, e agir, consolidadas na apropriação daquilo que foi produzido no decurso de seu desenvolvimento enquanto gênero humano. Ademais buscamos explicar como esta categoria é apropriada pela psicologia histórico-cultural, como única forma de humanização, onde o tornar-se humano vincula-se diretamente a relação concreta entre objetividade-subjetividade configurada na materialidade. No processo de entificação social através do trabalho, o homem desprende-se da qualidade de espécie, libertando-se das determinações impostas pelo biológico, se inserido dentro de um novo contexto, o social.

Por meio de nossa pesquisa, ainda destacamos a importância dos instrumentos e dos signos na transformação da vida mental, bem como no desenvolvimento das características especificamente humanas do homem, onde ambos são desenvolvidos no contexto do homem inserido na sociedade, e não no homem isolado, preso no pólo animal. Por fim, evidenciamos as implicações da apropriação ou da negação do patrimônio material-cultural historicamente produzido pelo conjunto da humanidade para a consecução do gênero humano.

1. O TRABALHO COMO CATEGORIA FUNDANTE DO SER SOCIAL

O trabalho como é proposto no *corpus* teórico da psicologia histórico-cultural consubstancia-se nas idéias de Marx. Vigotski, Luria e Leontiev ao formarem a tríade que compunha a Escola de Vigotski, empreenderam esforços nos sentido de criar uma psicologia de base marxista. Marx elege o trabalho como sendo a única forma de obtenção da riqueza, esta entendida não apenas sob o aspecto econômico, como também cultural. É por meio do trabalho que as pessoas geram a riqueza e os instrumentos que serão utilizados e apropriados pelas gerações futuras.

A riqueza proposta por Marx não se resume a uma simples acumulação de bens materiais, mas sim, a apropriação dos bens produzidos no decurso da evolução do gênero humano, segundo Marx (1991):

O homem necessitado, carregado de preocupações, não tem senso para o mais belo espetáculo. O comerciante de minerais não vê senão seu valor comercial e não sua beleza ou natureza peculiar do mineral; não tem senso mineralógico. (MARX, 1991, p. 172)

O autor alemão aproxima tanto o homem necessitado quanto o comerciante, pois eles não refletem a essência do homem enquanto homem, mas uma expressão alienada dessa essência: o primeiro é tão preocupado com o que precisa para sobreviver que não é capaz de admirar qualquer forma de expressão artística, ou mesmo tentar se apropriar de qualquer coisa feita por outros seres humanos por estar fixado dentro desta busca por suas necessidades enquanto animal, já o segundo, está tão preso ao valor comercial do minério que sua beleza já não lhe importa, ele não aprecia o minério enquanto minério. Marx, enquanto filósofo, admite que o homem rico é aquele que pode desenvolver todas as suas formas de sentir.

Engels ao discutir o papel do trabalho na transformação do macaco em homem foi um dos primeiros a apontar que foi por meio da apropriação dos instrumentos, começando pela própria mão, que o ser humano conseguiu se desenvolver, saindo dos estágios mais primitivos, como o dos australopitecos e do homem de Neanderthal até chegar ao *Homo sapiens*. Tal processo deu-se por meio da mediação, onde os sujeitos que nasciam apreendiam com seus antecedentes como utilizar os instrumentos desenvolvidos no decurso histórico.

A forma de trabalho que concebemos, é o trabalho defendido por Marx, o trabalho em seu sentido ontológico trabalho, o qual possibilita o ser humano exteriorizar partes de sua essência. Desse modo, nos posicionamos contrários a forma de trabalho regida pelo ideário capitalista, na qual os sujeitos não podem exteriorizar suas potencialidades humano-genéricas, uma vez que os frutos de seu trabalho lhes são retirados. A organização da forma social capital repercute na fragmentação da mão de obra, retirando do homem a sua capacidade de sentir e de exteriorizar-se em partes de sua produção, caracterizando assim o trabalho como um agente da alienação.

2. O PAPEL DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES:

Os psicólogos da Escola de Vigotski empreenderam esforços no sentido de criar uma psicologia de base marxista, perspectivada no exame da processualidade humana e as formas de sociabilidade engendradas pelo ser social. Leontiev um dos principais expoentes da Escola de Vigotski toma como sua base de estudos, o trabalho, considerado como protoforma da atividade humana, responsável pelas transformações de ordem tanto objetiva quanto subjetiva ocorridas no contexto da formação humana. Nesse sentido, analisa as características essencialmente humano-genéricas as quais são consolidadas pelo trabalho, ato-gênese mediado pela consciência demonstrando a transição pelo qual o ser humano, rompendo com as determinações biológicas adentrando na esfera do ser social.

Leontiev (2004) tomando por base o pensamento exposto por Engels defende que o desenvolvimento do gênero humano passou por várias fases/estágios, ao longo do decurso histórico. O primeiro compreende a *preparação biológica* do homem, ocorrida entre o fim do terciário e início do quaternário, tendo por representantes os australopitecos, animais com instinto gregário que já utilizavam utensílios rudimentares, não trabalhados. Nesse período as leis biológicas eram absolutas. O segundo estágio, denominado: *passagem ao homem* vai desde o aparecimento do pitecantropo ao homem de Neanderthal, marcado pelo início da fabricação de instrumentos, e também formas rudimentares de trabalho e sociedade. Neste período o homem ainda está sujeito as leis

naturais, ocorrendo alterações anatômicas transmitidas de uma geração a outra pela hereditariedade.

Após este período as transformações morfológicas passam a ocorrer por meio do desenvolvimento de duas atividades sucintas, tanto pelo viés da hereditariedade, quanto o desenvolvimento por meio do trabalho, mediado por meio da comunicação verbal.

As leis sociais começavam a também interferir na constituição do sujeito, contudo ainda estavam sujeitas as determinações impostas pelo que advinha da carga genética. Leontiev, 2004, nos afirma que: nos estágios intermediários as novas leis, impostas pelo social, se manifestavam pouco, sendo que suas ações ainda eram limitadas devido à ação do biológico, sendo que por meio destas duas influências é que estava se formando o homem, considerado como homem (*Homo sapiens*). Contudo, no desenrolar de seu desenvolvimento, os seres humanos vão dependendo cada vez menos das determinações impostas pelo biológico, agora sendo fixado no desenvolvimento imposto social, isto ocorreu na passagem do homem neantropiano. Agora o homem se liberta de vez das amarras impostas pelo seu aspecto biológico, entrando de uma forma efetiva nas modificações impostas pelo social.

Do outro lado da fronteira, isto é, no homem em formação, a atividade de trabalho estava em relação estreita com a sua evolução morfológica. Deste lado da fronteira, isto é, no homem “terminado”, a atividade de trabalho desenrola-se independentemente do seu progresso morfológico. (ROGINSKI apud LEONTIEV, 2004, p.174).

Reconhecemos com Leontiev que os processos de aquisição do conhecimento são mediados pela linguagem, complexo social engendrado pelo trabalho, fato este que possibilita o homem ter acesso ao legado concedido pela espécie, assim cada geração começa sua existência em um mundo criado pela geração **precedente**. Mediante tal movimento do homem na realidade objetiva, o indivíduo desenvolve aptidões especificamente humanas que se solidificam em seu psiquismo. Assim, podemos identificar que, cada indivíduo aprende a ser homem, o que a natureza lhe concede não é o suficiente para a vida na sociedade.

Com efeito, o homem ao se apropriar daquilo que foi culturalmente produzido pela humanidade efetiva o processo de ontogênese, o que implica na transformação do psiquismo. Voltemos ao exemplo dado por Marx ao referir-se ao homem necessitado e ao comerciante, os quais para o pensador alemão, ao se fixarem em alguns aspectos exteriores a sua individualidade e não refletirem sobre as suas próprias concepções

enquanto homens, não conseguem se formar enquanto verdadeiros representantes do homem moderno em sua generidade. Cabe aqui assinalar que o homem não se distingue dos demais animais apenas por aspectos morfológicos, mas sim por suas características enquanto ser social.

3. O TRABALHO NA GÊNESE DAS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS SUPERIORES

O homem ao nascer já possui toda a preparação biológica para desenvolver todas as suas potencialidades, contudo, aquilo que lhe é ofertado pela natureza não é suficiente para que ele possa se desenvolver enquanto sujeito humano. Daí deprendermos que a interação com outros seres humanos torna-se de vital importância para o processo de humanização da criança, para reprodução do gênero humano, por assim dizer. Com efeito, as características psicológicas elementares se encontram tanto em animais mais desenvolvidos quanto também em pessoas, sendo que apenas as características psicológicas superiores, por ser fruto do social, é que podem se desenvolver nos seres humanos no contexto cultural por eles criado.

Os seres humanos, ao longo do seu desenvolvimento ontogenético, deixaram um grande legado aos seus descendentes, composto de uma quantidade vasta de instrumentos e signos, os quais devem ser apropriados pelas gerações futuras, contudo esta apropriação não se constitui de uma forma estática, uma vez que os homens significam aquilo que apreendem como sujeitos formadores de cultura e também resignificam algumas outras, produzindo o patrimônio cultural para gerações subsequentes. Poderemos entender que a base do desenvolvimento da espécie humana perpassa aquilo que já foi desenvolvido por outros representantes da história humana, como bem nos apresenta Vigotski (2007, p. 56): “O desenvolvimento, neste caso, como frequentemente acontece, se dá não em círculo, mas em espiral, passando pelo mesmo ponto a cada nova revolução, enquanto avança para um nível superior.”

Uma das primeiras formas de trabalho desenvolvidas pela criança é a aquisição da linguagem, pois é por meio desta, de seus signos verbais que os sujeitos vão desenvolver grande parte de seu arcabouço de significados, mediados pela cultura. Leontiev (2004) nos apresenta que a palavra é uma das primeiras formas de orientação

do movimento dos sujeitos em relação aos objetos, é por meio da linguagem que ela aprende o que é aquele objeto, bem como a forma de sua utilização, e ainda, a distinção de objetos semelhantes: “copos são copos e não baldes”, por exemplo. Todas essas determinações são dadas por meio da linguagem, podendo ser consideradas como um signo, pois ordena a atividade mental, desenvolvendo símbolos para sua significação. A palavra pode ser utilizada como um ponto de partida para o desenvolvimento do conceito interno, inicialmente as pessoas necessitam de outras para saber associar os objetos a seus nomes, mas uma vez esse processo tendo sido concluído apenas ao evocar o nome do objeto já surge na mente a sua imagem, sendo que a interiorização desses objetos depende da ontogênese humana, pois foram as gerações precedentes que designaram estas nomenclaturas, tendo um sentido arbitrário, sendo apropriadas pelas gerações futuras.

A maneira como tais seres se apropriam daquilo que foi feito pelos seus antecessores é por meio do trabalho, a essência da formação do ser humano enquanto homem. São por meio do trabalho que os seres humanos utilizam tanto instrumentos quanto os signos feitos pelas gerações precedentes, os instrumentos, encarados como formas de mudar a natureza externa do mundo, e os signos que são utilizados como espécies de ordenadores da vida mental. Os signos atuam de uma maneira arbitrária, os seres humanos é que os inventam e lhes atribuem um valor, já os instrumentos são utilizados no processo de adaptação tanto no que refere a adaptação do adaptar homem ao meio circundante, como do meio a ele, modificando-o de acordo com as possibilidades e necessidades as quais surgem no decurso de sua história. Desse modo o homem vai produzindo objetos e instrumentos cada vez mais complexos, como roupas, casas, utensílios domésticos, tendo como horizonte uma mesma função, satisfazer suas necessidades, implicando em modificações na natureza e em si próprio.

Tais instrumentos se cristalizam como objetivação da atividade humana, como parte da exteriorização desta atividade, sendo que quando um novo ser humano nasce, deve ser apresentado a estas cristalizações para poder se apropriar delas e, a partir daí, desenvolver seus próprios instrumentos. Vale ressaltar que a cultura material sempre parte de um ponto já deixado por seus antecessores, e nesse sentido, questionamos: como o celular (telefone móvel) poderia ter sido produzido sem o telefone fixo?

A utilização de instrumentos por parte da criança depende do auxílio de um adulto que já sofreu o processo de humanização, através de situações nas quais os instrumentos são apresentados. Nesse sentido, Leontiev nos dá o exemplo do uso do

copo para tomar água, reconhecendo que a criança aprende a utilizá-lo pelo intermédio de um adulto, que lhe apresenta o objeto e a sua utilização:

... a utilização pela criança destas propriedades não é determinada pela sua própria existência, mas pelas ações do adulto que a obriga a beber: o adulto leva corretamente o copo aos lábios (...), depois de lhe ensinar a segurar sozinha o copo dirige e retifica ativamente os movimentos da criança. (Leontiev, 2004, P. 191).

O papel dos instrumentos na vida mental é de suma importância, e foi por meio deles que os seres humanos conseguiram dar o grande salto: das funções psicológicas elementares (memória natural, reflexos, atenção involuntária, formas naturais de pensamento e de linguagem, reações automáticas e etc.) para as funções psicológicas superiores (memória lógica, atenção voluntária, pensamento verbal, linguagem elaborada, formação de conceitos, planejamento, etc.).

Salientamos que estas funções nascem do social, surgindo por meio do trabalho desenvolvido pelo homem, pelo conhecimento produzido e transmitido a outros homens e se caracterizam por serem controladas de forma consciente e voluntária.

Por tudo isso, o trabalho auxilia na tomada de consciência dos seres humanos, conferindo, portanto, a tomada de consciência daquilo que temos e que nos foi transmitido pelos nossos ancestrais, repercutindo na riqueza material e simbólica e que é o nosso legado como constituintes da espécie humana. Assim, as funções psicológicas superiores advêm desse processo; inicialmente seus constituintes nos auxiliam na ordenação do conteúdo interno, por meio de objetos externos, e com o passar do tempo, esse processo é internalizado, ocorrendo dentro do psiquismo do sujeito. Nesse sentido, Leontiev (2004) atesta que a ação interior se constitui de uma ação exterior desenvolvida.

4. O TRABALHO NOS MARCOS DO CAPITALISMO E A NEGAÇÃO DO GÊNERO HUMANO

Ao contrário da essência do trabalho proposta por Marx, onde o ser humano é capaz de exteriorizar-se em sua produção, bem como se apropriar daquilo que foi culturalmente produzido, no trabalho defendido pelo modo de produção capitalista

podemos inferir que: ao invés do homem poder exteriorizar dentro de sua produção ele se exterioriza de sua produção, como se fosse alheio a ela, sendo apenas a força motora. Por meio deste trabalho o homem é incapaz de se reconhecer na atividade que realiza como bem exemplifica o filme *Tempos modernos*, onde Charles Chaplin vivia um operário em meio a rodas dentadas, e não sabia ao certo o que produzia, pois a sua parcela na produção era ínfima e apartada do produto em sua totalidade.

Segundo Santos (2007) como a essência do trabalho proposta pela sociedade capitalista é alienada as próprias objetivações que podem advir dessa mesma sociabilidade, frutos desta alienação também configuram negação do homem em sua formação humana integral. O sujeito não refletindo sobre aquilo que produz, apenas produz mecanicamente, sem ter consciência de sua relação com a realidade objetiva.

Sob o aspecto econômico, a essência alienada é importante para o desenvolvimento material do capital, pois os seres humanos abandonam partes da essência que lhe foi conferida pela ontogênese, servindo muitas vezes como espécies de animais para a simples reprodução do capital, o qual não auxilia na reprodução de seres humanos autênticos, apenas em seres semelhantes ao homem. Assim sendo, não desenvolvem a capacidade de indagar, ou mesmo de refletir sobre as conquistas feitas pela humanidade como um todo. O ser humano não consegue refletir nem mesmo sobre aquilo que produz, pois com a divisão do trabalho os frutos de sua produção são retirados deles.

A filosofia marxista concebe o trabalho como protoforma da atividade humana, auxiliando na tomada de consciência, com vistas a formação do ser social enquanto partícipe do gênero humano, possibilitando que este venha a desenvolver todas as suas particularidades, no conjunto das relações com outros homens, em meio aos complexos sociais os quais constituem a totalidade. Diferente da concepção de trabalho que é proposta pela sociabilidade do capital, a qual defende o homem fragmentado, com vistas á reprodução do metabolismo do capital em detrimento da formação do ser social em sua inteireza, uma vez que o trabalho como essência humana sendo fragmentado confere uma relação objetividade-subjetividade também alienada, afeita ao pragmatismo e em oposição á filosofia da práxis.

CONCLUSÃO

Por meio de nosso estudo esperamos ter conseguido elucidar algumas questões advindas da relação do trabalho com a gênese das funções psicológicas superiores, bem como diferenciar o trabalho com vistas à formação integral do gênero humano, daquele influenciado pelo ideário proposto pelo capitalismo. Diante do exposto depreendemos que a concepção de trabalho defendida por Marx é corroborada por Leontiev e pelos principais representantes da Escola de Vigotski, ou seja, uma atividade onde o ser humano se desenvolver em sua inteireza. Em virtude da análise das categorias aqui destacadas, conseguimos entender o que os psicólogos da escola soviética, mormente nos lineamentos teóricos de Leontiev, sobre os quais detivemos nossas elaborações, objetivavam ao considerar que o trabalho é ato gênese do ser social. O exame do arcabouço teórico por nós realizado nos permite asseverar que é pelo trabalho enquanto potencializador das objetivações essencialmente humanas que o ser humano pode se emancipar de suas condições naturais, incorporando-se livremente na esfera do ser social. Contudo, é oportuno ressaltar, que esta forma de trabalho defendida por Marx e Leontiev só pode ser efetivada se rompermos com as relações de dominação do homem pelo homem, lutando coletivamente por uma nova sociabilidade.

REFERÊNCIAS

LEONTIEV, Alexis; **O Desenvolvimento do Psiquismo**, São Paulo, Centauro, 2004, p. 279-302

MARX, Karl; **Manuscritos econômico-filosóficos...**, São Paulo, Nova Cultura, 1991, p. 165-188

SANTOS, E. C. S; **A Categoria da Alienação em Lukács:...**, Revista Urutágua, Paraná, 2007. Disponível em: (<http://www.urutagua.uem.br/013/13lima.htm>). Acesso em: 16 set. 2009

VIGOTSKI, L. S.; **A formação social da Mente**, São Paulo, Martins Fontes, 2008, p. 51-58